

I - FUNDAMENTOS DA CIVILIZAÇÃO PAULISTA

JOSE ROBERTO DO AMARAL LAPA

Pelo escrito terso de suas páginas como pela invejável erudição de que é possuidor, o sr. Sérgio Buarque de Holanda é um dos nossos melhores ensaístas. Os seus trabalhos sobre o que chamariamos de fundamentos da civilização paulista, têm nos dado ensejo de admirarmos uma contribuição de inestimável valia para a compreensão dos nossos primórdios.

Está neste caso a sua última coletânea de ensaios, incluída com muita propriedade nesse monumento brasileiro, que é a Coleção Documentos Brasileiros, dirigida com tanta proficiência pelo sr. Octávio Tarquínio de Sousa, para a Livraria José Olympio. (1)

Estes estudos do ilustre autor de "Raízes do Brasil" encerram algumas teses, que nos convidam ao cotejo de outras leituras. Dai o grande interesse dos ensaios, cujo cumprimento integral, dentro do plano previsto em seus grandes contornos, o autor confessa, modestamente, que exigiriam "mais que uma vida humana".

Com alguns temas fundamentais para a moderna compreensão do implante do que o autor chama de "civilização adventícia" sobre os chãos piratininganos, o sr. Sérgio Buarque de Holanda nos oferece páginas das mais percucientes para a história e sociologia "planáltina".

Procurou o autor, através dos aspectos objetivos da realidade social dos primeiros tempos, bem como das suas aparências antropogeográficas deitadas em aquêle "povoamento de exceção", como o foi na verdade o paulista, compreender a reciprocidade ecológica explicada nos recursos naturais nas técnicas rurais e nos autênticos fundamentos da civilização, que tentava estratificar-se, sob os influxos de uma "democratização racial" intensa, através do caldeamento, que daria em resultado o mamaluco, um dos "degraus étnicos" mais firmes a caminho da "raça de gigantes".

Nesse sentido, não podemos desconhecer o atavismo que "estruturou" os processos acomodaticios do reino. As linhas sociológicas instáveis, que os primeiros desbravadores esboçaram foram, na verdade, "sedentarizadas" no patriarcalismo rurícola e escravocrata, que acabou por desfigurar certas linhas dos primórdios do nosso povoamento. Entretanto, é justamente nessa transição que o ensaísta encontra os aspectos mais sugestivos da autêntica "transculturação" ibérica, perturbada quando muito nos contactos peninsulares com berberes, e outros povos setentrionais propiciados pelo estreito de Gibraltar, e que iriam entrar em choque com os padrões indígenas, mais incisivos no meio rural e mais ténues no meio urbano.

Quando o autor afirma que a mobilidade dos paulistas estava condicionada a certa insuficiência do meio, a tese, a nosso ver, é certa, pois a herança portuguesa da mobilidade, indiscutível histórica e geograficamente, levou à "pobreza franciscana" dos "planáltinos" a necessidade de prover a magra despesa. Nesse sentido, como no da seleção do povoamento filtrado na orografia imperiosa da serra, a mesologia esteve presente e não pode ser desconhecida, sem que se queira cometer com essa assertiva, o exagero da responsabilidade determinista que se outorga, com vézo, a esses fatores.

Bem, já deve ter percebido o nosso incerto e paciente leitor, que vamos nos perdendo na atração dos temas agitados inteligentemente pelo ensaísta, sem nos atarmos aos méritos, que mais nos impressionam nestas páginas.

A justificativa que o autor dá ao próprio título do livro: caminhos e fronteiras, casa-se, perfeitamente, com as teses que compõem a unidade destes ensaios.

Assim, o estudo sobre as "veredas de pé posto", meios de comunicações, transmissão de pensamento entre os índios, bem como a quase-ausência de calçado entre os tropeiros e entradistas, são analisados numa sempre inteligente conjugação de aspectos e observações, que o sr. Sérgio Buarque de Holanda vai cotejando nestes páginas.

Nesse sentido, cumpre o autor a melhor tradição de ensaístas, como Capistrano de Abreu e Basílio de Magalhães.

Estuda, ainda, o autor de "Raízes do Brasil" de maneira a mais percuciente, as técnicas indígenas, revelando uma exaustiva pesquisa, que muito enobrece o seu trabalho. Algumas das revelações, que nos oferece, são das mais sugestivas. Nesse sentido, também, o seu trabalho representa uma contribuição sociológica inestimável para a interpretação dos fundamentos históricos de nossa civilização.

Aliás, o autor deixa sempre transparecer nestas páginas o critério com que se houve em busca das fontes para estudo dos padrões indígenas, calcando a obra de etnólogos e ensaístas como Nordenskiöld, Friederici Colbachini, Krause e outros de indiscutível valia.

Lamentamos, apenas, que este alentado estudo do sr. Sérgio Buarque, se restrinja, quase sempre, nas suas pesquisas e conclusões, a uma área cultural que em suas linhas gerais ajusta-se com os limites geográficos da Região Sul. É a mesma restrição de âmbito, que se infere da obra "Casa Grande & Senzala" do sr. Gilberto Freyre que foi acusado, um tanto injustamente, convenhamos, de "fazer sociologia de Olinda e Recife". Nesse sentido, a epígrafe marginada, isto é, caminhos e fronteiras, pecaria um pouco pela sua generalização.

Gravio do Povo
13.3.58

II - FUNDAMENTOS DA CIVILIZAÇÃO PAULISTA

JOSE ROBERTO DO AMARAL LAPA

Páginas das mais interessantes nos oferece o autor ao falar da cozinha colonial. A importância do mel na alimentação, como mezinha e até em situações de emergência, com aplicações variadas, tanto por indígenas, quanto por sertanistas, é um exemplo do que afirmamos.

A dieta alimentar dos paulistas, constrangida a integrar-se na cozinha indígena, foi muito bem estudada. As contingências do "rush", levando os arrieiros a deglutirem desde cobras, sapos, ratos, jacarés e lagartos, além de outros "imundos animais" (sic!) até a içá torrada, que se "urbanizou", como bem lembra o autor. Observamos, que na roça, as crianças costumam levar içá torrada no lanche, tirando-lhe antes o ferrão e o levando ao fogo, o restante, dando margem até a parlendas e procedimentos quase fetichistas, para provocar a saída da içá. Revela-nos o autor que as próprias saúvas serviam de iguaria, por difusão jesuíta (sic!). Aliás contou-nos a tradição, oral montemorense, que as lêmbras eram indicadas (em frituras) para a cura da morfêia...

No capítulo da "Caça e Pesca", também, o autor estuda percutientemente as formas primitivistas da atividade econômica do paulista, buscando para a sua subsistência a coleta de frutas, a caça e a pesca. E, na técnica dessas atividades venatórias, entretanto, que as revelações de caráter sociológico são dignas de interesse.

As sutis observações e conclusões a que chega o autor a este passo, nos convidam a admirar os seus métodos científicos de estudo, em cotejos e ponderações de sólidos fundamentos e não apenas alijados por citações, passagens ou observações de outros autores.

A nosso ver, a afirmação de que os caçadores do Velho Continente, ou de Portugal pelo menos, desconheciam ou mal faziam o ato de atirar às aves em voo, parece, de pronto, um tanto avançada, ainda que se pese a capacidade de cálculo e previsão do indígena com sua flecha, não podemos olvidar a destreza tão decantada dos arqueiros e caçadores medievos, cuja habilidade venatória foi apurada nas liças e torneios ao longo de anos de competições. Quanto às armas de fogo, entre os europeus, desse tempo, é de crer-se que a habilidade técnica de previsão já lhes emprestava possibilidade de bons tiros em caças difíceis...

A farmacopéia rústica da flora é também objeto de conclusões sugestivas. Nesse sentido, há determinados e originais processos de acomodação cultural, que no seu complexo davam em consequência novas utilidades, muitas vezes estranhas tanto ao incola, quanto ao europeu.

Esta obra é, antes de mais nada, uma obra de erudição. O autor, através do estudo sociológico, permite-nos a reconstrução de um Brasil remoto, cujo "modus vivendi" colonial é perquirido em suas antigalhas, as mais banais aparentemente. Nesse sentido, ressaltamos, também, a precisão "desembaraçosa", com que o sr. Sérgio Buarque chega a uma visão de conjunto, que sem se delinear numa configuração completa, apresenta, entretanto, num esforço considerável do historiador em nos dar algumas linhas marcantes da civilização do planalto. As suas conclusões sobre a realidade social e histórica paulista, em algumas assertivas, mostram uma motivação, que não se alcança nos limites do fluido temporal, embora se reservem, como já o afirmamos, a uma unidade espacial relativa, pois não representam o todo nacional.

O único capítulo, no qual o sr. Sérgio Buarque de Holanda foge um pouco mais às suas interpretações sociológicas, é o que trata das "Frotas de Comércio", assunto em que, aliás, é incontestável a sua autoridade. Nesse capítulo, as eruditas observações e revelações a que chega são requintadas, atingindo nas considerações sobre o papel histórico e políticos das "estradas das monções" um dos pontos altos entre as diversas preciosidades destes estudos.

Sem ser, necessariamente, um livro polêmico, "Caminhos e Fronteiras" leva o autor ao longo de exaustivas e encomiásticas pesquisas e estudos, nos quais chega a retificar não poucos historiadores e ensaístas do nosso passado, em conclusões mais açodadas ou pesquisas menos atuais, como é o caso de Pandiá Calógeras, Sérgio Milliet, Varnhagen, Otoniel Mota, Basílio de Magalhães e outros.

A minudente preocupação do autor desce a tais e tantos meandros, que não constituiria desdouro algum, para o seu labor honesto e exemplar, dizer que, em muito, estes ensaios satisfarão em matéria de "curiosidades históricas", aos que se preocupem em vasculhar antigalhas "planaltinas".

Diário do Povo
20.3.58